

A antropologia ecológica ingoldiana e as relações entre humanos e outros animais

Gláucia Santos de Maria¹

Resumo

O objetivo desse artigo é fazer uma revisão de algumas ideias de Tim Ingold a partir de alguns comentaristas, a exemplo de Jean Segata (2011; 2012), Sautchuk e Stoecli (2012), Carvalho e Steil (2011) e Silva (2011) que se debruçaram sobre as relações entre animais humanos e não humanos procurando explorar algumas reflexões da antropologia ecológica ingoldiana em torno da maneira pela qual devemos repensar os seres humanos e suas relações com outros animais. Desse modo é colocada, inicialmente, a partir dos apontamentos dos comentaristas, a proposta antropológica de Ingold a partir de um diálogo entre Antropologia e Biologia e sua crítica à separação entre cultura e natureza presente no pensamento ocidental. Em seguida é feita uma reflexão sobre os diferentes tipos de relações entre animais humanos e não humanos. E por último, é discutida a distinção que Ingold faz sobre humanidade e animalidade.

Palavras-chave: Animais humanos e não humanos, Antropologia Ecológica, Tim Ingold, humanidade, animalidade.

Abstract

The purpose of this article is to review some Tim Ingold ideas from some commentators, like Jean Segata (2011; 2012), Sautchuk and Stoecli (2012), Carvalho and Steil (2011) and Silva (2011) that They have studied the relationship between human and nonhuman animals looking to explore some reflections ingoldiana ecological anthropology around the way in which we must rethink human beings and their relationships with other animals. Thus is set initially from the notes of the commentators, the anthropological proposal Ingold from a dialogue between anthropology and biology and his criticism of the separation between culture and nature in the western thought. This is followed by a reflection on the different types of

¹Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, bolsista CAPES/DS. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: glauciavince@gmail.com.

relationships between human and nonhuman animals. Finally, it discusses the distinction that Ingold is on humanity and animality.

Keywords: human animals and non-human, Ecological Anthropology, Tim Ingold, humanity, animality.

1. Introdução

Timothy Ingold, ou simplesmente Tim Ingold, é um antropólogo britânico e professor na Abardeen University, na Escócia, conhecido por seus estudos ligados a uma vertente da antropologia ecológica e do ambiente. Em seus trabalhos, percebemos um esforço constante em dialogar com outros campos do conhecimento, a exemplo da biologia. Nesse sentido, sua influência teórica e metodológica gira em torno de reflexões entre as ciências naturais e sociais, preocupando-se com temáticas relativas à percepção ambiental, habilidade e cognição. Nos termos de Jean Segata (2012:155)

Grande parte dos trabalhos deste autor está amarrada a uma linha de pensamento que vem desde a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, às vertentes ecológicas de Gibson e Bateson (Velho, 2001) e de maneira geral, seus trabalhos oferecem argumentos interessantes para a compreensão de nós seres humanos, para além das tradicionais fronteiras entre biologia e cultura, especialmente tratando de como nós percebemos os ambientes que nos cercam.

Nessa direção, Otávio Velho (2001), no artigo bibliográfico “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico”, argumenta que a concepção da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, pensando os humanos enquanto um ser-no-mundo, é uma noção importante no desenvolvimento do pensamento ingoldiano, bem como a influência de Bateson e vertente ecológica da psicologia de Gibson².

A proposta antropológica de Tim Ingold, a meu ver, a partir de uma opinião bem particular, é bastante inquietante. Seus questionamentos e reflexões em torno de sua perspectiva de uma antropologia ecológica, para quem entra em contato pela primeira vez com sua abordagem é, sem dúvida, um desafio. Primeiramente Ingold nos instiga a ver a antropologia de outra maneira: para além de uma disciplina que estuda a diversidade cultural. Em segundo lugar, nos faz refletir sobre: como pensar as relações entre os humanos e não humanos a partir de uma antropologia ecológica? Nesse sentido,

² Regina Coeli Machado e Silva (2011) ainda cita a incorporação da biologia de desenvolvimento de Oyama na abordagem relacional de Ingold.

procurarei no presente texto me debruçar sobre a revisão de algumas ideias ingoldianas a partir de alguns comentaristas, a exemplo de Jean Segata (2011; 2012), Sautchuk e Stoecli (2012), Carvalho e Steil (2011) e Silva (2011) sobre algumas das preocupações de Ingold em torno da maneira pela qual devemos repensar os seres humanos e suas relações com outros animais, e nesse processo de construção de conhecimento, o desafio que nós antropólogos podemos enxergar a nossa disciplina a partir de um estudo interdisciplinar.

Nesse sentido, discutirei inicialmente a proposta antropológica de Ingold a partir de um diálogo interdisciplinar da Antropologia com a biologia e sua crítica aos dualismos, a exemplo de cultura e natureza presentes no pensamento ocidental. Seguindo a lógica de sua antropologia ecológica, discuto sobre as relações entre animais humanos e não humanos apontando as diferentes formas de relações (caça, domesticação, pastoreio, etc.) bem como as reflexões relativas à humanidade e animalidade.

2. Ingold e a antropologia: desafios para um diálogo profícuo

Ingold ao se debruçar sobre as relações entre humanos e animais, ele o faz a partir de um estudo interdisciplinar entre antropologia e biologia, como “meio de lidar com o que parece ser uma limitação dos conhecimentos e conceitos da antropologia nesta seara” (SAUTCHUK e STOECLI, 2012:227). Assim, Carvalho e Steil (2011)³ afirmam que:

A partir de um questionamento radical da dicotomia entre natureza e cultura, enquanto domínios ontológicos, ele propõe um novo paradigma que denomina de **antropologia ecológica**⁴. Esta proposição vem repercutindo significativamente noutras áreas do conhecimento, como a educação, a biologia, a psicologia, a arquitetura, a geografia e a arqueologia, estabelecendo um diálogo profícuo entre as ciências humanas e as ciências naturais.

Dessa forma, isso estará presente no interesse inicial de seus estudos: a busca de uma disciplina que pudesse adquirir conhecimento, e ao mesmo tempo, que o ajudasse a construir, não muros, uma ponte para ir além da divisão entre ciências humanas e naturais. De acordo com Jean Segata (2012:155), os trabalhos de Ingold:

³ <http://www.sobrenaturezas.blog.br/wp-content/uploads/2011/09/Texto-Zero-Hora-VF.pdf>

⁴ Ingold vem de uma antropologia ecológica, e tem trabalhado com caçadores de renas, passando por uma discussão das relações humanos e não humanos.

oferecem argumentos interessantes para um debate entre humanos e animais, que vão para além das tradicionais fronteiras entre biologia e cultura, enfocando, em especial, os modos como nós construímos e percebemos os ambientes dos quais fazemos parte.

Sobre seu interesse pela Antropologia, Ingold (2012:3) aponta em entrevista que

O motivo que me levou à antropologia é que eu sentia a necessidade de transcender esta divisão entre ciências naturais e humanidades. Esta ainda é a razão pela qual eu faço antropologia e penso que ela é importante. O modo como eu vejo a antropologia é se situando em uma encruzilhada na divisão entre as ciências naturais e as ciências humanas, por um lado; e a divisão entre especulações teóricas sobre o que a vida humana pode ser, e a observação empírica sobre o que a vida humana é, em um certo lugar e tempo. Antropologia se situa nessas encruzilhadas e é isto o que a torna excitante, e eu ainda acho que este é o caso.

Entretanto, mesmo considerando a antropologia como caminho a ser percorrido, ele não deixa de tecer críticas, principalmente à vertente culturalista.

No texto “The animal in the study of humanity”, ele critica a aproximação culturalista da relação entre humanos e não humanos, acusando-a de “assumir certos pressupostos “superorgânicos” sobre a singularidade humana”, deixando de lado o questionamento do que é a natureza humana (SAUTCHUK; STOECLI, 2012). Nesse sentido, Ingold pensa a antropologia para além de um estudo sobre as culturas. Para ele, temos que pensá-la como uma disciplina especulativa, que enxerga além das possibilidades e potencialidades dos seres humanos. Para Sautchuk e Stoecli (2012), o questionamento de Ingold sobre o que é um animal é como uma forma estratégica do modo como podemos repensar o próprio humano e consequentemente a antropologia. Assim, para Ingold uma das principais tarefas é demonstrar que existem formas diferentes de olhar as coisas. Ele rompe com aquilo que estamos acostumados a ler na antropologia mais clássica, considerando que ela deve especular e não somente ser uma disciplina empírica.

De acordo com Silva (2011), Ingold pensa a antropologia como uma subárea da biologia. Mas de que forma? Segundo a autora, a biologia que Ingold fala é aquela que busca descobrir “os processos de crescimento e amadurecimento” que originam formas e capacidades dos organismos. Nessa perspectiva, Ingold concebe as características dos

organismos que são criados no curso do desenvolvimento que emergem em sua relação com um determinado ambiente. Nesse sentido,

É essa biologia que ajuda Ingold a sustentar o ponto de vista do organismo/pessoa crescendo e se desenvolvendo em um ambiente propiciado pelo trabalho e atividade e presença dos outros. Tal biologia aproxima-se da psicologia ecológica, que estuda a percepção, pois ambas tomam como ponto de partida o desenvolvimento do organismo/pessoa no ambiente (SILVA, 2011:363).

Nesses termos, a biologia que Ingold procura dialogar é aquela que se apoia no desenvolvimento da pessoa no ambiente em que esta está inserida. Assim, tal perspectiva proporciona um pensamento novo sobre os humanos no mundo em que vivem, centrado nos processos de desenvolvimento e nas propriedades de relacionamentos, como proposta de uma nova era da antropologia como um campo científico pautado no engajamento no mundo relacional (Idem, 2011:363). Nesses termos:

Esta nova maneira de pensar não apenas promete uma reintegração da antropologia social e biológica, mas também estabelece uma pauta evolutiva radical para o século XXI. Ingold e suas ideias inaugurarão a chegada da era da antropologia enquanto uma ciência do compromisso com um mundo relacional (CAZORLA, 2011 apud Ingold, 2004).

Assim, o debate sobre as relações entre natureza e cultura se encontra no ensaio de Ingold em “Tornar-se pessoa: consciência e socialidade na evolução humana”, que pressupõe uma indivisibilidade entre organismo e ambiente. Ele concebe uma relação entre cultura e natureza; pessoas/organismo, dando lugar a uma visão monista, advogando à ação e a consciência em termos de um processo contínuo da vida (SILVA, 2011:358). Outro autor, Bruno Latour (1994), já afirmava que a nossa ideologia está imersa na distinção entre natureza e cultura, mas os modernos não têm como esconder que tudo está misturado. A nossa ideologia faz a distinção entre natureza e cultura⁵: mas nós mesmos somos híbridos (forma como nós construímos nossa ideologia no sentido de purificação, numa separação entre natureza e cultura!), as coisas estão

⁵ De acordo com Strathern (2014:25) no mundo ocidental os significados relacionados à natureza e cultura são feitas a partir de ideias atribuídas a outros povos. E mais ainda, em alguns casos, tais significados são resultantes de interesses ecológicos, numa relação analítica entre sociedade e ecologia. E por outro lado, existe a preocupação dos estudos feministas que se debruçam sobre a relação entre biologia e antrópico, “uma preocupação que ressoa o modo como as ideias de masculino e feminino são articuladas, na nossa própria cultura, com as ideias de natureza e cultura”.

interconectadas (política, laboratórios). Segundo Cazorla (2011:13 apud Nuenberg e Zanella, 2003):

A discussão entre natureza e cultura, sobre o que nos faz universalmente iguais e o que nos diferencia uns dos outros, fortaleceu-se na Antropologia que, a partir das ideias que Darwin em 1859, começa a ocupar seu espaço no meio científico ocidental e se tornando uma disciplina respeitada. As discussões de Darwin em *A Origem das Espécies* publicado em 1859 fez com que as discussões sobre cultura suscitasse a ideia de que a cultura seria a via de adaptação dos seres humanos em busca de garantir a sobrevivência e manutenção dessa espécie.

O autor ainda sugere que uma das marcas da tradição ocidental é a tendência de pensar a partir de dicotomias paralelas, de forma que ao opor humanidade e animalidade⁶ “é posta ao lado das que se estabelecem entre natureza e cultura, corpo e espírito, emoção e razão, instinto e arte (Idem, 2011:7)”. A proposta de Ingold no que envolve a questão de superar a divisão entre natureza e cultura é processual, relacional, e vinculada ao desenvolvimento ou crescimento.

Nesse sentido, a crítica de Ingold se situa nos modelos canônicos da antropologia. Para ele, os antropólogos percebem a divisão entre natureza e cultura como construtos sociais, mas se estas categorias são construções, a cultura (ocidental) que as constitui como pares dicotômicos também não são? Então, como superar as dicotomias?

Silva (2011) atenta para o fato de Ingold tentar remover a separação entre natureza e cultura, corpo e mente, humano e não humano, ao criticar biólogos neodarwinistas e antropólogos que bebem da fonte de Durkheim. Tal separação implica na distinção de aspectos subjetivos (ligados à mente e aos significados) e elementos objetivos (concernentes ao mundo exterior e a materialidade). Segundo a autora, Ingold considera que tal separação coloca a “essência humana” sobrepujada em relação à natureza, e esta pode ser apropriada conceitualmente e modificada fisicamente a partir dos modelos de significação dos seres humanos. Portanto, enquanto as ciências naturais estiverem criando divisões entre humanidade e natureza, com a antropologia pautada em separar a humanidade entre 'nativos' (outros) e ocidentais (nós), nosso conhecimento estará limitado (INGOLD, 2000). Assim, se faz necessário não limitarmos nosso

⁶ Pensando as dicotomias tomando como ponto de partida os seres humanos, os animais ao longo da história foram vistos como desprovidos de alma (Aristóteles), incapazes de possuir razão, (Iluminismo), percebidos enquanto máquinas (Descartes) e despossuídos de linguagem.

pensamento em áreas distintas, mas pensar a vida social como parte constituinte da vida biológica e que as diferenças entre culturas são decorrentes de certas habilidades biológicas que são desenvolvidas socialmente e criativamente (SEGATA, 2011). Além disso, ao refletir sobre a relação entre humanos e não humanos, Ingold sugere que é necessário que se faça a partir de um estudo interdisciplinar entre antropologia e biologia. É o que veremos a seguir.

3. Relações entre animais humanos e não humanos

Seguindo a lógica de um estudo interdisciplinar da antropologia, podemos refletir sobre o debate das relações entre humanos e não humanos à luz da teoria ingoldiana. Destarte ao nos focarmos nos argumentos em torno das relações entre humanos e não humanos, na introdução a “O que é um animal?” Ingold (2007) afirma que ao longo da história⁷ da humanidade, as sociedades humanas se relacionam⁸ com os outros animais de diferentes formas: seja para sua própria subsistência; como animais domésticos⁹; ou “utilizaram suas observações da morfologia e do comportamento”¹⁰

⁷ Uma questão interessante apontada por Ingold é sobre a reflexão sobre o modo pelo qual o pensamento ocidental sobre uma narrativa da história da humanidade, levando-nos a pensar como podemos reconstruir a história das relações humano-animal nos ambientes em que habitam. Tendo em vista que, os seres humanos não estão sós nesse mundo, mas estabelecem relações com outros seres e com o ambiente em que estão inseridos: transformando a si mesmos e o seu meio a partir de um engajamento ativo.

⁸ Descola (2001) no texto “Más allá de la naturaleza y de la cultura” aponta quatro tipos de identificação (Totemismo, Animismo, Analogismo e Naturalismo) que estruturam a experiência individual e coletiva das relações dos humanos com o mundo, no intuito de descrever, classificar e processar relações que os seres humanos estabelecem entre si e os não humanos. De maneira resumida, Descola aponta que no animismo, os seres são constituídos de uma mesma interioridade, entretanto se diferenciam fisicamente, e de pontos de vista em relação ao mundo. Por outro lado, o naturalismo caracteriza o Ocidente moderno, em que os humanos são tidos como os únicos a possuir uma interioridade (espírito, intenção e raciocínio), mas se relaciona com os não humanos em um mesmo ambiente físico. No totemismo por sua vez, humanos e não humanos diferem entre si quanto à forma e modos de vida, mas são constituídos por um conjunto de atributos (físicos e morais) que asseguram sua identidade dentro de uma classe. E por último, o analogismo é um intermediário entre o totemismo e o animismo. Está baseado na ideia de que os movimentos, propriedades e mudanças da estrutura de determinadas entidades influenciam o destino dos seres humanos.

⁹ De acordo com Ingold em “On reindeer and men” (1974:524), ele trata da domesticação como um elemento de socialização do animal em um ambiente humano, não que o primeiro seja fisiologicamente dependente dos humanos. Assim, os animais domésticos podem ser vistos como membros da sociedade humana. Por outro lado, seus contatos com outros membros de sua espécie são correspondentemente limitado. Além disso, o ambiente de socialização dos animais domésticos, desde o seu nascimento é, em certo sentido, predominantemente entre os humanos. Em outro texto (A evolução da sociedade) Ingold (2003: 11) aponta que é característico da vida das pessoas conhecidas como caçadores e coletores que elas se relacionem a partir da familiaridade e do companheirismo com outros humanos, mas também com não humanos.

¹⁰ Ver a discussão de Guilherme Sá (2006) sobre a observação dos etólogos sobre os comportamentos dos muriquis através do uso de *scans* feitos na mata.

animal na construção de seus próprios projetos para viver” (INGOLD, 2007:129). Ingold, nesse sentido, procura apontar sobre a diversidade de tipos de relações existentes entre humanos e animais (bem como a relação destes em seus ambientes). Uma das contribuições teóricas a esse respeito, Ingold cita a revisão do paradigma marxista de Tapper que vai além da fronteira da espécie, examinando as formas de relações de produção homem-animal. Tal questão pode ser observada no quadro a seguir:

Relações de produção Homem-Animal de Tapper

Humano	Não humano	Tipo de relação de produção
Caçadores	Pessoas iguais	Relação homem-animal “comunal”
Domesticação	Membros da família	“escravização”
Pastoreio	Não são necessariamente domesticados	Contratuais
Mecanização rural moderna	Despersonalização	Exploração

Fonte: (TAPPER¹¹, 1994 apud INGOLD, 2007).

Sobre esses tipos de relações entre humanos e não humanos, Ingold reforça que esse processo pode ser compreendido de diferentes formas. Assim, no contexto dos caçadores, os animais não humanos são tidos como participantes do mesmo mundo que as pessoas também pertencem, a partir de laços de confiança, em contraste se apresentam as relações baseadas em dominação.

Na domesticação está implícita uma espécie de domínio e controle semelhante para que implicou na escravidão, então essa noção poderia de fato ser aplicáveis para descrever a relação de pastores com os animais em seu rebanho.[...] É o pastor que toma decisões-vida ou morte sobre o que são agora "seus animais, e quem controla cada outro aspecto do seu bem-estar, agindo como ele faz como tanto protetor, guardião e carrasco. [...] Evidentemente uma transição na qualidade do relacionamento, de confiança para dominação, afeta as relações não só entre os seres humanos e os animais não-humanos, mas também, e igualmente, entre os próprios seres humanos. (Ingold, 2000:63. Tradução nossa)

¹¹ TAPPER, Richard. Animalidade, Humanidade, Moralidade, Sociedade. In: INGOLD, Tim (ed.). O que é um animal? Tradução: Gláucia Silva e Rosane Prado. Antropolítica Niterói, n. 22, p. 129-150, 1. sem. 2007.

Nesse sentido, tais relações surgiram de dentro dos lares humanos, e do pessoal ao impessoal. Nesse caso, o não humano vai passando em termos graduais “de uma pessoa estranha a uma coisa familiar” a partir de estágios intermediários. Dessa forma, acrescenta Ingold, Tapper demonstra que:

Cada estágio corresponde a um uso específico da metáfora animal, e que consequentemente, é possível basearmos ideias sobre a natureza humana e a relação de humanidade com animalidade em imperativos econômicos fundamentais, embora condicionados por fatores historicamente contingentes do ambiente sociopolítico (2007:149).

De acordo com Silva (2012), no estudo de Ingold sobre caçadores e coletores, ele verificou que as pessoas se relacionam umas com as outras e também com os componentes não humanos do meio ambiente, na base da familiaridade e do companheirismo. De acordo com o autor, na relação entre caçadores e coletores, não há uma ruptura radical que separe as espécies humanas do resto do reino animal.

4. Ingold e a distinção entre humanidade e animalidade

Considerando que desde os clássicos até os nossos dias, “os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de “homem”- e, diríamos também, da imagem que o homem ocidental faz da mulher ”(INGOLD, 1994:1). O autor reforça sobre a questão da “Humanidade e animalidade” (1994) afirmando que:

Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral.

Nesse sentido, no pensamento ocidental moderno o humano é definido a partir da negação ou superação do que se entende por animal. Paradoxalmente, os humanos são animais, mas por serem humanos, representam aquilo que está ausente nos não humanos. “Daí o grande desafio inerente à proposição de redefinição do que é humano e do que é animal que se coloca cada vez mais insinuantemente desde, pelo menos, a década de 1990” (NEVES, RAPCHAN, 2014:310). Em outras palavras, ao pensarmos em humanidade, negamos a animalidade presente em nós, mesmo que lembremos que

este humano também é animal quando comparamos aos coletivos não humanos. E, parafraseando o próprio Ingold, Sá (2006:31) reforça que “como humanos também somos animais, e é através da comparação com outros animais que melhor conseguimos nos entender”.

Uma das primeiras questões é a análise da definição de homem enquanto espécie animal, que compreende todos os indivíduos que pertencem à categoria biológica de *Homo Sapiens*. Por outro lado, o significado alternativo de ser humano é apontado enquanto condição oposta a de animal. Nesse sentido, a associação de humano, enquanto espécie e condição, deu origem a uma concepção peculiar da singularidade humana. Assim, o que torna os seres humanos diferentes dos animais como espécie?

De acordo com Ingold, a questão da humanidade deixa de significar a soma dos seres humanos, para tornar-se a condição do ser radicalmente oposta à animalidade. Assim, a relação entre o humano e o animal deixa de ser inclusiva e passa a ser exclusiva, ou seja, deixa de ser um território dentro de um reino e chega a ser um estado alternativo do ser (Ingold, 1994). Nesses termos,

Como condição oposta à da animalidade transmite uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres “em estado cru”, cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes. (Ingold, 1994, p. 7)

Outra questão colocada por Ingold, é que se atribui capacidade de pensamento, intencionalidade e ações para referir-se a pessoa aos seres humanos no pensamento ocidental. Na lógica cartesiana uma das diferenças entre “homens e animais” é que os humanos são capazes de articular um conjunto de palavras e proferi-las através de um discurso e entendida através do pensamento, enquanto que os animais não conseguem executar do mesmo jeito. Papagaios, por exemplo, proferem palavras, mas não falam como os humanos; mesmo os surdos e os mudos costumam inventar seus próprios sinais “pelos quais se fazem entender por quem, estando comumente com eles, disporia de lazer para aprender a sua língua” (DESCARTES, 1996:60-61). Em virtude disso, Descartes enfatiza que isso prova que não só os animais possuem menos razão que os humanos.

Esquema dualista do pensamento Ocidental em relação aos humanos e não humanos

Humanos	Não humanos
Pessoalidade Agência Intenções Valores sociais Consciência moral	Influenciados por paixões primordiais Instintos

Ingold (2007) coloca que para Griffim os animais não humanos pensam coisas por antecipação, entretanto, o fato da linguagem estar ausente, eles não conseguem se comunicar. Contrariamente a essa ideia, Ingold advoga que, muito embora os não humanos estejam se comunicando constantemente uns com os outros, faltando-lhe a linguagem, o conteúdo de sua comunicação indis põe de “ideia”. Em suma, para Ingold, as animais se comunicam, mas não por meio de uma conversa. Para o autor, eles possuem consciência, agem, sentem e sofrem como nós, e são responsáveis por suas ações. Sua consciência deixa de ser vista como capacidade de gerar pensamento, mas percebida enquanto um processo de autocriação do sujeito que age. Nesse sentido,

O que se levanta contra Descartes não é tanto que ele tenha desenhado uma fronteira entre o mental e o orgânico na interface entre os seres humanos e outros animais, mas por ele ter simplesmente desenhado tal fronteira, como se os organismos fossem opostos às mentes, como a matéria ao espírito, ou máquinas aos projetistas (INGOLD, 2007:140).

Silva (2011) afirma que, para Ingold, as capacidades de agir e de pensar emergem num sistema total de desenvolvimento que é constituído a partir da disposição da pessoa estar inserida em um campo em que estabelece relações entre si e com o mundo do qual faz parte.

Segundo Segata (2012:92), atribuímos capacidades diferentes e singularidades de variações a nós humanos. Por outro lado, aos demais animais atribuímos uma homogeneidade, na qual os animais não humanos são naturalmente biológicos, enquanto que os humanos além de biológicos, têm algo a mais.

Com isso, não estamos dizendo que não existem diferenças entre animais e humanos, afirma Segata parafraseando Ingold. Ao mesmo tempo, este último sugere que essas diferenças se travam nas ambiguidades dos conceitos de sociedade e socialidade. A socialidade é vista como uma qualidade constitutiva de relacionamento, e que está

presente nas relações que as pessoas procuram manter em suas atividades e na vida social.

Desta forma, voltando às suposições de que o homem se distingue do animal via cultura ou via símbolo, Ingold (1991b) sugere que a distinção não se dá exatamente em termos de humano e animal, mas em termos de humanidade e animalidade, como no caso da elevação do posto de orangotango para humano, onde o que está em jogo é o grau de humanidade e não uma diferença entre animal e humano. É a partir deste ponto que ele começa a sugerir em boa parte de seus trabalhos uma outra forma de classificação: organismo e pessoa. (SEGATA, 2012)

Seguindo este raciocínio, os organismos humanos se distinguem dos demais organismos em grau, mas mente e organismos são ambos processos no mundo real, portanto indissociáveis.

5. Considerações finais

Considerando as questões levantadas ao longo da discussão, acredito que o pensamento de Ingold tem contribuído para superar os limites que separam humanidades e ciências da natureza, bem como rever conceitos, teorias e metodologias no campo do conhecimento. Outros temas poderiam ser abordados nessa discussão, a exemplo da percepção dos organismos nos ambientes, bem como as habilidades que estes constroem junto com os meios que vivem no processo de desenvolvimento. Além disso, outro debate interessante de Ingold acerca da ecologia mereceria atenção, na medida em que ela lida com as dinâmicas dos sistemas de desenvolvimento.

Acredito que conseguimos atingir nosso objetivo, de explorar alguns questionamentos do autor e apresentar em algumas linhas a construção de um novo paradigma antropológico. Nesse sentido, posso destacar que a superação, a revisão e novas propostas do autor em diálogo com outras áreas do conhecimento devem sugerir novas possibilidades de pensarmos a nós mesmos, os seres com os quais interagimos, bem como o ambiente em que vivemos. Eis aí o desafio da antropologia nesse processo de compreensão da realidade para além das dicotomias, proporcionando novos debates entre diversas correntes e autores, abrindo espaço para a construção de diálogos promissores. As relações entre humanos e não humanos ultrapassam os limites deste texto. Elas perpassam também influências emocionais (medo), a sua presença no

pensamento totêmico e até a luta engajada de proteção aos animais. Sua diversidade atravessa os encontros humanos e não humanos, no predatismo, parasitismo, parceria, domesticação etc. A interação entre humanos e não humanos reforçam debates acadêmicos, na busca de compreender esse contato milenar. Ingold ao compreender e refletir sobre essas relações, coloca em cheque uma reavaliação dos próprios conceitos antropológicos, propondo ultrapassar seus dualismos, abrindo novas possibilidades de repensarmos nossas teorias e metodologias. Ele nos instiga ir além das tradições cristalizadas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. 2013. *Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica*. Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, V. especial, março.

CAZORLA, Elisa Munhoz. 2011. *Linguagem: Um olhar antropológico sobre teorias universalistas*. Universidade Federal de Maringá. Maringá.

DESCARTES, René. 1996. *Discurso do método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

DESCOLA, Philippe & PALSSON, Gísli. 2001. *Naturaleza y sociedad*. Perspectivas antropológicas. México: Siglo Veintiuno.

INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London, New York: Routledge.

_____. 2003. *A evolução da Sociedade*. In: FABIAN, A. C. (org.). *Evolução – sociedade ciência e universo*. Bauru: EDUSC.

_____. 1994. *Humanidade e Animalidade*. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge.

_____. 1974. *On Reindeer and Men*. New Series, Vol. 9, No. 4. Disponível em: <<http://www.jstor.org/journal/man>> Acesso em: jul, 2015.

_____. 2007. *O que é um animal?* Tradução: Gláucia Silva e Rosane Prado. Antropolítica Niterói, n. 22, p. 129-150, 1. sem.

_____; FIORI, Ana Letícia; ANDRADE, José Agnello Alves Dias de; TESTA, Adriana Queiróz; TAMBUCCI, Yuri Bassichetto. 2015. *Diálogos Vagueiros: Vida, Movimento e Antropologia*. Ponto Urbe [Online], 2012. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/334>; DOI: 10.4000/pontourbe.334> Acesso em: 22 jul, 2015.

LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 152.

NEVES, Walter Alves; RAPCHAN, Eliane Sebeika. 2014. *Primatologia, culturas não humanas e novas alteridades*. Scientiae Studia, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 309-29.

SÁ, Guilherme José da Silva e. 2006. *No mesmo galho: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas*. Rio de Janeiro.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; STOECLI, Pedro. 2012. *O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold*. Anuário Antropológico [Online], II |. Disponível em: <<http://aa.revues.org/238>> Acesso em: jun de 2015.

SEGATA, Jean. 2011. *Pessoas, coisas, animais e outros agentes sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos*. Revista Caminhos, On-line, “Dossiê Humanidades”, Rio do Sul, a. 2, n. 1, p. 87-119, jan./mar.

_____. 2012. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação* [tese]. Orientador Theophilos Rifiotis. - Florianópolis, SC.

SILVA, Regina Coeli Machado e. 2011. *A teoria da pessoa de Tim Ingold: Mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?* Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35,, p. 357-389.

STRATHERN, Marilyn. 2014. *Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen*. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naif.

VELHO, Otávio. 2001. *De Bateson a Ingold: Passos na constituição de um paradigma ecológico*. In: Mana vol.7 n.2, Rio de Janeiro.